

# DENGUE: QUADRO CLÍNICO, EPIDEMIOLOGIA E CONSEQUÊNCIAS

Raquel Oliveira dos Santos Fontenelle \*<sup>1</sup>

\*<sup>1</sup> Centro de Ciências Agrárias e Biológicas, Curso de Ciências Biológicas, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, Brasil.

E-mail: raquelbios@yahoo.com.br

**RESUMO:** A dengue é uma doença virótica de evolução aguda transmitida por picada de insetos hematófagos e caracterizada por um variável e amplo espectro clínico, que pode ir do assintomático a forma grave. Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo fazer uma revisão e posterior apresentação, sobre a dengue, ressaltando aspectos clínicos, epidemiológicos e as consequências dessa enfermidade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa em periódicos, artigos e livros nacionais e internacionais, no período entre 2004 a 2024. A forma clássica da dengue é a mais conhecida e diagnosticada, seja em epidemia, seja com comportamentos endêmicos. Os principais sintomas são febre, cefaleia, mialgias, dor ocular, náusea, anorexia, exantema, hemorragias espontâneas e diarreia. A febre hemorrágica da dengue, em geral, inicia-se da mesma maneira da forma clássica, entretanto, no período entre o terceiro e o oitavo dia de evolução, as características são acrescidas, surgindo evidência de extravasamento plasmático, plaquetopenia e algum sangramento. São comuns, hemorragias espontâneas volumosas, principalmente no aparelho gastrointestinal, trato urinário, genital feminino e visceral. Em 2023, o Brasil bateu recorde de mortes por dengue. Segundo o Ministério da Saúde, tivemos 1.079 mortes pela doença. Mundialmente, estima-se 50 milhões de casos anualmente em pelo menos 100 países. A dengue é atualmente uma das principais arboviroses do mundo. Cerca de 2,5 bilhões de pessoas estão expostas ao risco de infecção, principalmente em países tropicais e subtropicais, nos quais as condições climáticas juntam-se a problemas de ordem política, social e econômica, impossibilitando o controle efetivo dos vetores da doença.

## 1. Introdução

De acordo com Marinho e Tavares, (2010), a dengue é uma doença virótica de evolução aguda transmitida por picada de insetos hematófagos e caracterizada por um variável e amplo espectro clínico, que pode ir do assintomático às formas graves de choque cardiovascular hipovolêmico que é definido como uma situação de emergência decorrente da perda de grande quantidade de líquido e sangue. Essa situação faz com que o coração deixe de bombear sangue para o corpo, levando a problemas em vários órgãos e colocando a vida do paciente em risco. Embora os vírus da zika e chikungunia já fossem conhecidos desde a década de 1950, próximo também da identificação do vírus da dengue (Denv), ficaram restritos, agora diferentemente da dengue, a alguns territórios africanos, até pelo menos 2013-2014. A dengue ganhou terreno nas Américas ao longo de todo o século XX, ou até mesmo anteriormente a esse, a considerar relatos mais antigos, e foi se tornando um problema sanitário cada vez maior (Lara, 2020).

O vírus do dengue pertence ao gênero *Flavivirus*, família *Flaviviridae*. É vírus de RNA pequeno, 40 a 50nm, esférico, com envelope lipídico. Inserido no grande grupo dos arbovírus, possui quatro sorotipos distintos, a saber: Den 1, Den 2, Den 3 e Den 4. Os sorotipos conferem imunidade específica duradoura, mas a imunidade sumultânea é passageira, em torno de três a seis meses, após esse período já se pode contrair o

quadro infeccioso por outro sorotipo (Marinho e Tavares, 2010). Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo fazer uma revisão e posterior apresentação sobre a dengue, seus aspectos epidemiológicos, quadro clínico e consequências.

## **2. Metodologia**

O trabalho apresentado tem como objetivo, a análise da dengue, enfatizando seus aspectos clínicos, epidemiológicos e consequências. Para tanto, foi realizada pesquisa em periódicos, artigos e livros nacionais do período entre 2004 a 2024 para analisar a relação entre os aspectos que envolvem essa arbovirose no Brasil e no mundo.

## **3. Resultados**

Em 2023, o Brasil bateu recorde de mortes por dengue. Segundo o Ministério da Saúde, tivemos 1.079 mortes pela doença. Mundialmente, estima-se 50 milhões de casos anualmente em pelo menos 100 países. A dengue é atualmente uma das principais arboviroses do mundo. Cerca de 2,5 bilhões de pessoas estão expostas ao risco de infecção, principalmente em países tropicais e subtropicais, nos quais as condições climáticas juntam-se a problemas juntam-se a problemas de ordem política, social e econômica, impossibilitando o controle efetivo dos vetores da doença (Valle, 2015).

A maioria das infecções pelo vírus que causa a dengue é assintomática, cerca de 40% dos infectados em períodos epidêmicos e a doença em si pode variar desde um caso brando de febre à uma doença severa e fatal. A forma clássica é a mais conhecida e diagnosticada, seja em epidemia, seja com comportamentos endêmicos. Os principais sintomas são febre, cefaleia, mialgias, dor ocular, náusea, anorexia, exantema, hemorragias espontâneas e diarreia. A febre hemorrágica da dengue, em geral, inicia-se da mesma maneira da forma clássica, entretanto, no período entre o terceiro e o oitavo dias de evolução, as características são acrescidas, surgindo evidência de extravasamento plasmático, plaquetopenia e algum sangramento. São comuns, hemorragias espontâneas volumosas, principalmente no aparelho gastrointestinal, trato urinário, genital feminino e visceral (Marinho; Tavares, 2010).

Os esforços tradicionais para o controle da doença se dá, principalmente, pelo controle do vetor. Esse controle se concentra na eliminação de fontes de água parada que são utilizadas pelo mosquito para reprodução, juntamente com a pulverização de larvicidas ou inseticidas em áreas propensas ao desenvolvimento do *Aedes aegypti*. Contudo, a eliminação total da água parada é quase impossível, de forma que a redução efetiva do vetor requer um apoio completo da comunidade. Além disso, os inseticidas não funcionam tão bem contra os mosquitos que vivem no interior dos domicílios. A vacina contra a dengue foi incorporada ao Sistema Único de Saúde (SUS) em 2023, no entanto, não está sendo utilizada em larga escala num primeiro momento, já que o laboratório fabricante, Takeda, afirmou que tem uma capacidade restrita de fornecimento de doses. A vacinação está sendo focada em público e regiões prioritárias (Tortora et al., 2017).

O tratamento em geral, até o terceiro dia de doença é muito mais de orientação ou para prescrever sintomáticos: analgésicos, antitérmicos, antieméticos, protetores gástricos, dentre outros e deve-se evitar o uso de antiinflamatórios, principalmente o ácido acetilsalicílico (AAS). O repouso físico e a hidratação são de suma importância no esquema terapêutico.

As arboviroses que se caracterizam por doenças transmitidas por insetos vetores são favorecidas pela presença de locais adequados para a procriação dos mosquitos. Dentre essas doenças podemos citar a Dengue, que via de regra é transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, que se prolifera na água parada. Seus sintomas incluem febre alta, dores musculares, falta de apetite, mal-estar e manchas vermelhas pelo corpo. O vírus da Zika também é transmitido pelo mesmo mosquito e o seu quadro clínico se caracteriza por febre, dores nas articulações, conjuntivite e exantema. Em gestantes, pode causar microencefalia ao feto, além de problemas oculares. Também transmitida pelo mesmo mosquito, a Chikungunya causa febre aguda, seguida de poliartrite crônica, que pode persistir por vários meses. A febre amarela urbana também é transmitida pelo *Aedes*, e causa febre alta, calafrios, cefaleia e mialgia (TORTORA, 2017).

Em todos os casos de arboviroses, a melhora da drenagem das águas pluviais, um dos pontos importantes da nossa Política Nacional de Saneamento Básico, exerce papel fundamental na prevenção dessas enfermidades. Portanto, para reduzir as doenças causadas por falta de saneamento básico é necessário o aumento do acesso à água potável, coleta e tratamento de esgotos, desta forma ocorrerá a promoção da qualidade de vida e a geração de impactos significativos até mesmo na economia. Dar prioridade a saúde da população é um passo importante para uma sociedade mais saudável, equilibrada e produtiva.

## Referências

Brasil. (2007). Lei nº 11.445 de 05 de janeiro de 2007. Estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico; cria o Comitê Interministerial de Saneamento Básico; altera as Leis nos 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 8.666, de 21 de junho de 1993, e 8.987, de 13 de fevereiro de 1995; e revoga a Lei nº 6.528, de 11 de maio de 1978. DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2007/lei/l11445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/lei/l11445.htm) Acesso em: 20/02/2021.

OMS. (2018). Guidelines on sanitation and health. Geneva: World Health Organization. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/274939/9789241514705-.pdf?ua=1> Acesso em: 20/02/2021.

TAVARES, W.; MARINHO, L. A. C. **Rotinas de diagnóstico e tratamento das doenças infecciosas e parasitárias**. 2 ed., São Paulo, Editora Atheneu, 2010.

TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. **Microbiologia**. 12 ed., Porto Alegre, Editora Artmed, 2017.

LARA, J. T. **A emergência da dengue como desafio virológico: de doença fantasma à endemia “de estimação”, 1986-1987**. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/so104-59020220000200002>, 2020.